

O USO DAS PROPAGANDAS FARMACÊUTICAS DO SÉCULO XIX E XX COMO FONTES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: um relato de experiência

Isaac Facchini Badinelli¹

Luis Fernando Junqueira²

RESUMO

O trabalho visa relatar a experiência adquirida no projeto de extensão vinculado à disciplina de Laboratório de Ensino de História da Saúde do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação da professora Renata Palandri Sigolo Sell. O estágio foi realizado na EJA (Educação de Jovens e Adultos) da Escola Básica Municipal João Gonçalves Pinheiro, localizada no bairro Rio Tavares, em Florianópolis (SC), no segundo semestre de 2010. Buscamos desenvolver, dentro de sala, o conteúdo tratando das propagandas farmacêuticas do final do período monárquico e sua grande mudança a partir do surgimento do rádio e das políticas dos primeiros anos do governo de Getúlio Vargas. Para isso, além da pesquisa bibliográfica, foram analisadas fontes primárias como o *Jornal do Commercio* (Rio de Janeiro) das décadas de 1870 a 1880 e de 1930 a 1940, além de fontes sonoras como propagandas radiofônicas do início do Estado Novo.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Fontes históricas. História da saúde.

1 INTRODUÇÃO

O estudo das práticas e das ações de distribuição e *marketing* dentro da indústria farmacêutica ajuda o historiador a compreender não apenas a sociedade consumidora desses medicamentos, mas também formas de agir e pensar. Analisar a utilização dessa temática dentro da área da educação, bem como transformar o tema em objeto de ensino, são dois grandes desafios, que exigem daquele que tem esse intuito algo mais do que apenas uma boa pesquisa e uma diversidade de fontes a serem trabalhadas.

¹ Discente do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: isaacnet_facchini@hotmail.com.

² Discente do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: l_nanddo@yahoo.com.br

Essa prática de ensino foi desenvolvida na disciplina de Laboratório de Ensino em História da Saúde - LABHISS, oferecida pelo departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e ministrada pela professora Renata Palandri Sigolo Sell, no segundo semestre de 2010.

Os objetivos eram que cada aluno (ou dupla) escolhesse um assunto dentro do tema História e Saúde, sendo cada qual livre para escolher o assunto que achasse melhor – a professora havia passado uma lista geral com possíveis assuntos que poderiam ser abordados, mas não precisaríamos nos fixar exclusivamente neles. Após a escolha, deveria ser levantado o máximo de referências bibliográficas, incluindo fontes primárias, visto que seria necessário trabalharmos com, no mínimo, uma destas fontes, já pensando em como a transformaríamos em material didático e como criaríamos alguma atividade para utilizá-la em sala de aula.

Estávamos participando do projeto *Cuidar de si, cuidar do outro: A história da saúde como instrumento de reflexão* que, juntamente com a Secretaria de Educação da cidade de Florianópolis, havia planejado a entrada em sala de aula para o mês de novembro. Esse projeto, apresentado como projeto de extensão à Universidade Federal de Santa Catarina pela professora Renata, buscou aliar pesquisa, ensino e extensão possibilitando o contato dos acadêmicos com a pesquisa e o ambiente escolar, tentando contribuir para suprir a carência da educação básica em relação ao debate de temas como a História da Saúde em suas múltiplas dimensões. Um dos objetivos principais foi também estabelecer um contato e uma parceria mais fortes entre a UFSC e a Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis, intermediados pelo Laboratório de História, Saúde e Sociedade (LABHISS), junto à Gerência de Formação Permanente.

Fazendo parte desse projeto maior, que envolvia a História da Saúde como prática de ensino, a temática das propagandas farmacêuticas em suas diferentes periodizações – final do século XIX e década de 30 do século XX – chamou muito a nossa atenção por se tratar de um tema contemporâneo e de grande abrangência, na medida em que

a sociedade se apropria do discurso médico, e também porque demonstra as transformações que se deram no transcorrer desse período e que conferem novos traços à medicalização da sociedade. “Afinal as propagandas farmacêuticas contam a história da medicalização das sociedades capitalistas modernas” (TEMPORÃO, 1986, p. 23).

O ponto de partida do trabalho foi o começo do levantamento das fontes, etapa que foi realizada individualmente, cada qual abordando um período. Embora desde o início do semestre já soubéssemos que iríamos dar uma aula em um dos Núcleos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da prefeitura Municipal de Florianópolis, por diversos fatores só tivemos realmente certeza algumas semanas antes de começarmos as apresentações, o que nos trouxe algumas dificuldades.

Desde o início, um elemento de convergência foi o uso do *Jornal do Commercio*, publicado no Rio de Janeiro, como nossa fonte primária principal, tendo sido escolhido por ser um dos maiores jornais de circulação nacional em ambos os períodos trabalhados. A facilidade de contato com essa fonte, na Biblioteca Central da UFSC, no que diz respeito às edições da década de 1930 e 1940, não foi a mesma em relação àquelas do século XIX, só obtidas no Laboratório de História Social do Trabalho e da Cultura da mesma instituição. Contudo, ambas as edições estavam disponíveis apenas em microfilme.

Posteriormente, seriam ainda utilizados como exemplo, na atividade pedagógica, alguns Almanques da década de 1930, e faixas de propagandas farmacêuticas veiculadas pelas rádios do mesmo período. A dificuldade encontrada ao iniciar a coleta dessas propagandas, realizada durante os meses de agosto e setembro de 2010, deveu-se ao fato de a universidade, muito embora possuísse um grande acervo, contar somente com dois aparelhos de visualização de microfilme. Considerando a enorme quantidade de alunos da instituição e a grande quantidade de pesquisas que estavam sendo realizadas por estudantes dos diversos cursos, este aspecto acabou resultando em muitas tardes perdidas de pesquisa perdidas pela impossibilidade de acesso ao material. O fato de o levantamento das propagandas, que seriam utilizadas na proposta, ter sido feito em apenas dois meses demonstra a dificuldade ainda maior de

se trabalhar com um projeto utilizando fontes primárias voltadas para a educação.

Após o levantamento das fontes com as quais iríamos trabalhar, passamos a fazer um reconhecimento de quais seriam os temas geradores de discussão e que poderiam suscitar maior interesse dos alunos da EJA. Para isso, foi de grande importância também a visita que fizemos à sala de aula, antes da apresentação dos trabalhos. O contato com os alunos, das mais diferentes idades e realidades socioeconômicas, proporcionou-nos trabalhar as fontes de acordo com a situação presenciada e as temáticas que iam ao encontro dos anseios deste público. A introdução desse tipo de conhecimento em uma turma como a que trabalhamos revelou-nos também outro aspecto da educação do público adulto que procura a escola: a maioria dos alunos vinha de camadas pobres da sociedade, que trabalhavam o dia inteiro e assistiam às aulas no período noturno. O desenvolvimento de temas, que para um aluno da graduação parecem corriqueiros, torna-se algo novo e de grande interesse quando trabalhado com esse público.

Para o melhor relato do processo e das experiências em sala de aula, dividimos o texto a partir dos períodos trabalhados. O primeiro apresentado será o de Luis Fernando e o segundo o de Isaac. As experiências e a abordagem, embora o trabalho tenha sido realizado em conjunto em vários momentos, tem diversas singularidades.

2 AS PROPAGANDAS FARMACÊUTICAS NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

Eu estava na 4ª fase do curso de História, fazendo também a disciplina de História do Brasil Monárquico, ministrada pela professora Beatriz Mamigonian. Nesta disciplina, era preciso criar um artigo sobre qualquer tema referente ao período do Brasil Imperial (1822-1889) e, como sou bolsista do LABHISS, comecei a pesquisar sobre a história das propagandas de farmácia durante o Segundo Reinado e as mudanças que, na época, estavam ocorrendo na medicina chamada 'acadêmica', e as diversas formas de cura até então existentes.

Esta era a primeira vez que, sozinho, trabalhava com fontes primárias, o que no início pareceu um pouco difícil e cansativo. Através das bibliografias, algumas sugeridas pela professora Renata, parte pesquisadas por mim mesmo, e conversando com a professora Beatriz, interessei-me em pesquisar o tema nos jornais da época, especificamente as edições dos anos 1870 e 1880. Aqui as dificuldades foram muitas, como já mencionado anteriormente, tanto devido à falta dos jornais quanto dos aparelhos adequados para a pesquisa. Na Biblioteca Municipal foi ainda mais difícil, pois além de apresentar os mesmos problemas não contava com ajuda para saber onde estavam os jornais, como manuseá-los etc.

O período escolhido ia de 1871 até 1880, contudo, em função do tempo escasso, não foi possível pesquisar todas as edições (o jornal era diário e a pesquisa em microfilmes é muito cansativa). Desta forma, foram pesquisados períodos alternados (algumas edições do mês de janeiro, fevereiro, março etc.), junto a isto, eu dava continuidade também às leituras sobre a história das propagandas de farmácia na segunda metade do século XIX, as formas de cura existentes, os ofícios relacionados à saúde e afins, especialmente a partir dos trabalhos de Tânia Salgado Pimenta e Bethânia Gonçalves de Figueiredo.

Após essa etapa, passei a organizar quais propagandas iria usar e com qual objetivo, já que tinha em mente tratar não da 'história das propagandas' em si, mas sim das diversas concepções de saúde e doença percebidas através da venda de medicamentos. Todas as propagandas de medicamentos pesquisadas foram digitalizadas, a partir do microfilme, e depois organizadas em tabelas contendo data, página, tipos de anúncios e possíveis observações sobre eles. Desse modo articulou-se o diálogo com as propagandas e as demais bibliografias sobre o assunto.

Também foi utilizado como fonte primária o Dicionário de Medicina Popular do Dr. Chernovitz. Passei então a organizar o artigo para a disciplina de História do Brasil Monárquico e, a partir dele, o texto didático para a disciplina de Laboratório de Ensino de História da Saúde. Esse foi um exercício um pouco complicado, pois apesar de já estar na 4ª fase do

curso de História esta era a primeira vez que escrevia um texto didático – linguagem muito diferente daquela que eu estava acostumado a usar.

Assim, conversando constantemente com as professoras Renata e Beatriz, foi organizado o texto didático final, as fontes que seriam usadas em sala e os temas abordados durante a apresentação. Vale lembrar que, até aqui, a turma do Laboratório ainda não havia conseguido ir até o Núcleo da EJA em que dariam as aulas, o que só ocorreu muito próximo à realização das aulas. Isso dificultou a minha abordagem, pois não tinha ideia do tamanho da turma, o que eles já haviam ou não estudado, se todos sabiam ler. Desta forma, a aula foi organizada do seguinte modo:

1º- Falar um pouco sobre o Segundo Reinado, o que seria uma monarquia, quem governava o Brasil, ou seja, o contexto em que estavam sendo produzidas as propagandas de medicamentos.

2º- Mostrar alguns pontos sobre a Teoria Humoral e Vitalista e sua interpretação no século XIX.

3º-Discutir as propagandas propriamente ditas.

4º-Analisar algumas leis atuais, criadas pela ANVISA, sobre o uso e venda de medicamentos.

As aulas foram dispostas não em ordem cronológica, mas sim por temas. Assim, eu e o Isaac ficamos para o mesmo dia – eu trataria das propagandas de medicamentos durante a segunda metade do século XIX e o Isaac trabalharia com as propagandas durante o Estado Novo, primeira metade do século XX. Tanto eu quanto ele fizemos nossos trabalhos sozinhos, contudo, por sermos bolsistas do mesmo Laboratório (LABHISS), procuramos sempre trocar ideias, especialmente com relação à pesquisa em fontes primárias e as atividades que seriam desenvolvidas.

Chegado o dia, fui o primeiro a dar a aula. Organizei minha apresentação em *slides* (esta escola já possuía Datashow), mas colocando neles apenas palavras-chave, imagens, mapas e as propagandas digitalizadas. A turma era pequena, em torno de dez pessoas, e comecei perguntando a eles se haviam ouvido falar de D. Pedro II ou da princesa Isabel, figuras do Segundo Reinado talvez mais conhecidas, e, para minha surpresa, eles disseram que não. Também não sabiam explicar o que era uma monarquia, e disseram ter ouvido falar da

teoria hipocrática apenas em uma aula que uma colega havia dado, uma semana antes, mas que não haviam entendido direito.

A partir disso, foi feita uma apresentação geral sobre a história política do Segundo Reinado, a partir da apresentação de mapas, um de 1872 e um atual, e também de fotos da época, de D. Pedro II, da princesa Isabel, e de hospitais e farmácias. Passei, com isso, a falar sobre a teoria humoral-vitalista, mostrando como, quando e onde surgiu, neste momento utilizei um mapa-múndi, localizando onde hoje é a Grécia, e apresentei fotos das estátuas de Hipócrates e Galeno, considerados fundadores da teoria, assim como o que para eles era considerada a doença e a cura. Também foi mostrada uma gravura da Idade Média que ilustrava os quatro humores e um esquema relacionando humores, órgãos, elementos e características. Feito isso voltei rapidamente para o Segundo Reinado abordando as instituições responsáveis pela saúde no período, como a Academia Imperial de Medicina, a criação da Escola de Farmácia de Ouro Preto, em 1839, e da Junta Central de Higiene Pública.

Finalmente, comecei a tratar especificamente das propagandas, e foi através delas que passei a explicar melhor as diversas concepções de doença e cura existentes no Brasil Império. De início, através das imagens previamente digitalizadas, mostrei como era o *Jornal do Commercio*, para, aí sim, partir para as propagandas de medicamentos. Antes de lê-las junto com eles, deixei que tentassem compreendê-las, perceber suas diferenças e o que lhes chamava atenção, seja na escrita seja no que era considerado medicamento e para o que servia.

Considero esta a parte mais interessante da aula, porque nenhum deles havia visto algo parecido antes, muito menos fontes primárias de mais de um século atrás, e muitas coisas chamaram a atenção dos alunos, como os diversos 'phs', 'ccs', e outras palavras e regras ortográficas que hoje já não adotamos mais. Quando viram os medicamentos anunciados, eles acharam intrigante e estranho apenas um deles servir para curar diversos males, sendo que algumas plantas e remédios eram conhecidos por eles. Aqui eles expressaram muito suas opiniões, criticando os medicamentos que hoje só funcionam para esta ou aquela doença, que são caros, que podem agravar problemas de saúde

quando o médico não sabe a reação que pode ter no doente (uma aluna relatou que isso aconteceu com ela própria). Também acharam engraçada a forma como as propagandas chamavam a atenção através da escrita, (pois nesse período raramente possuíam imagens), com dizeres como ‘Cura e não mata’ e o uso de diversos pontos de exclamação, letras em negrito etc.

Por fim, para que os alunos conseguissem perceber as transformações e permanências em relação à venda de medicamentos do século XIX e hoje, eu e Isaac, de forma conjunta, mostramos algumas leis criadas pela ANVISA ao longo dos últimos anos, as quais tentam restringir e organizar de uma forma totalmente diferente tanto o uso dos medicamentos quanto seus anúncios.

3 PROPAGANDAS FARMACÊUTICAS NAS DÉCADAS DE 1930-1940

As grandes transformações na maneira de comercializar os medicamentos no Brasil, diferenciação essa observada comparativamente através dos jornais coletados, acontecem a partir da década de 1930, pois, segundo Bertero (1972, p. 32), “até esse período o Brasil e os Estados Unidos eram praticamente iguais, em termos de tecnologia farmacêutica. A distância surge a partir daí e se acentua após a segunda guerra mundial”. Nossa apresentação obedeceu à ordem cronológica, trabalhando-se inicialmente o período imperial e posteriormente a Era Vargas.

Ao iniciar a exposição sobre as propagandas da década de 1930, procurei situar os alunos no tempo e nos acontecimentos desse período. Poucos deles sabiam quem havia sido o presidente brasileiro neste período, embora conhecessem ou já tivessem ouvido falar da figura do presidente Getúlio Vargas não o associavam exatamente com a época marcada pelo seu governo. Após essa localização, antes mesmo de entrar propriamente no tema das propagandas farmacêuticas, achei interessante fazer uma abordagem rápida (afinal meu tempo era constituído por duas aulas de 50 minutos, mas em sala de aula isso acaba passando muito rápido) do que foi a Era Vargas e dos principais

acontecimentos políticos desse governo, muitos deles diretamente ligados ao tema das propagandas farmacêuticas.

A questão sanitária é uma das questões que aparece com grande importância nos primeiros anos desse governo, principalmente nas propagandas veiculadas nos jornais e nas rádios. O combate às principais doenças é enfatizado, e o Departamento Nacional de Saúde Pública (DNS) alcança grande relevância, juntando-se ele outros órgãos de regulamentação da questão da saúde no país. As atividades médicas e farmacêuticas passam a ser mais fiscalizadas também nesta época. Desde 1923, com Carlos Chagas a frente do DNS, haviam sido criados serviços especializados de fiscalização da medicina, da farmácia e de profissões afins. Após a 'Revolução de 30'³, a inspetoria de fiscalização da medicina complementar ampliou essas atribuições, estendendo-as a todo o Brasil. Com finalidade didática, fiz questão de deixar essas mudanças bastante claras, demonstrando de que maneira essa questão é verificada, por exemplo, nas propagandas da Ankilostomina Fontoura, mostradas para a turma, que contavam com a ilustração, bastante famosa, do personagem Jeca Tatú. O anúncio desse medicamento nos jornais quer demonstrar que o trabalhador brasileiro não é preguiçoso, mas o que lhe falta é o tratamento contra o que se chamava de Amarelão, doença que estava ligada aos 'maus hábitos' da vida no campo, como andar descalço e não lavar as mãos. Para compreender este tipo de alusão ao trabalhador, é fundamental pensar no contexto social da época e nas transformações pelas quais as cidades brasileiras estavam passando. O fluxo de pessoas vindas dos campos para as cidades, motivada pelas novas oportunidades e pela intenção governamental de industrialização, cria cada vez mais uma realidade diferente para esses trabalhadores, e os habitantes do campo passam a ser, muitas vezes, relacionados ao atraso e a uma forma de vida ultrapassada. Propagandas farmacêuticas que recorrem a personagens como o Jeca Tatú tentam mostrar, de maneira cômica, um interesse de padronização dos cuidados

³ A expressão Revolução de 30 aparece entre aspas por expressar um movimento que pode apresentar mais de uma interpretação histórica, não sendo objetivo deste texto fazer uma análise do assunto.

com higiene e saúde neste período e, principalmente, levantam a bandeira do trabalhador saudável que colocaria o país no rumo certo.

Na experiência de ensino, para demonstrar de maneira ainda mais efetiva algumas características das propagandas, utilizei também os Almanques que eram lançados pela Fontoura, entre outras indústrias farmacêuticas, e que ficaram de fora da pesquisa nos jornais, mas que são interessantes para o trabalho na escola, pois além de ilustrados contam histórias mais completas. Estes Almanques me auxiliaram na demonstração de como o conhecimento e a classe médica estavam se organizando de maneira bastante forte neste período. Os Almanques farmacêuticos, editados desde o século XIX, durante várias décadas serviram como divulgadores e popularizadores dos medicamentos no Brasil, e como estratégia comercial para os laboratórios nacionais, levando não só às populações urbanas, mas também às rurais suas informações e propagandas.

Extrapolando os limites visuais que as propagandas nos jornais nos forneciam, utilizei também o recurso sonoro, já que a partir da década de 1920 o rádio é difundido no Brasil, e diversas propagandas radiofônicas veiculadas na época abordada em minhas aulas estão disponíveis. A experiência com esse tipo de recurso se mostrou muito interessante, e a turma achou estas propagandas muito engraçadas. As risadas provocadas não são por acaso: essas propagandas de rádio, a partir da década de 1930, se disseminam e fazem de tudo para chamar a atenção. Propagandas como as da pílula do Dr. Ross, ou as do creme Rugol que tinha como jargão ‘As rosas desabroçam como a luz do sol, e a beleza das mulheres com o creme Rugol’, declamado por grandes cantores da época, caíram no gosto popular e, hoje em dia, quando utilizadas entre os alunos, provocam curiosidade.

Um caso particularmente importante é aquele das propagandas do medicamento ‘A saúde da Mulher’, indicado para regular a menstruação. Além de na época ser considerado importante para o fortalecimento do aparelho reprodutor e para a manutenção da ‘tranquilidade’ da mulher, esse medicamento, acompanhado em suas propagandas muitas vezes do slogan ‘Que normalizada as regras’, demonstra de maneira bastante

interessante a posição da mulher perante a indústria farmacêutica e a medicina desses primeiros anos do Estado Novo, tida como um sexo frágil cujo organismo era muito irregular. Muitas dessas propagandas nem eram destinadas às mulheres, mas sim aos maridos. Essa questão chamou muito a atenção dos alunos, gerando ampla discussão por ser este um tema que, ainda hoje, mesmo com todo o debate relacionado às questões do gênero na história, desencadeia algumas ‘brincadeiras’ dentro de sala de aula, demonstrando que a ideia de mulher como sexo frágil ainda esta presente na cabeça de muitas pessoas.

4 CONCLUSÃO

Ao encerrar o conteúdo, e falando mais sobre as propagandas atuais de medicamentos, o que procuramos foi conversar um pouco com a turma, no tempo que nos restava, e junto com eles debater aquilo que consideraram mais importante no que foi apresentado e o que lhes chamou a atenção. Ficamos muito satisfeitos ao constatar que houve perguntas, alguns relatos e muitas opiniões sobre o assunto, que parece estar muito ligado ao cotidiano desses alunos, muitos deles consumidores de medicamentos diariamente.

O fato do público da EJA ser composto principalmente por pessoas já bem mais velhas tornou-se interessante por eles possuírem mais experiência em relação a esses assuntos. Ao longo das aulas, eles constantemente trouxeram dúvidas e comentários que faziam parte de suas vivências enriquecendo, assim, a própria aula. Esse tipo de interação entre o que já conheciam e aquilo que foi desenvolvido, em conjunto, durante as aulas, atinge o objetivo da EJA, formando, através da pesquisa e da busca do aluno, o conhecimento necessário para transformar sua trajetória escolar. Apesar das falhas, que infelizmente sabemos existirem no sistema de educação, conseguimos perceber que muito do trabalho realizado na EJA parte da vontade de alguns profissionais da educação e dos próprios alunos, e isto tem transformado a vida de muita gente.

A relação estabelecida com os alunos foi de troca e isto nos surpreendeu. O tema das propagandas, e a análise das mesmas, fascina um estudioso da História, mas conseguir elaborar um modo de tratamento do tema que leve esse interesse a um aluno requer maiores habilidades e um tipo de abordagem própria do ofício do professor. Esses saberes que, com certeza, passam por uma crescente transformação e aprimoramento ao longo do tempo de estudo, ainda estavam pouco desenvolvidos em nossa experiência.

A pesquisa e o uso das fontes em sala nos mostraram o quanto é válido e possível trabalhar dessa maneira, e o quanto a pesquisa não pode estar separada do ensino, pois ela é fator fundamental para o desenvolvimento de um bom trabalho. Sendo assim, o professor é sempre um pesquisador que tenta estabelecer a relação entre a fonte, o tema e a realidade dos alunos. Trabalhando dessa maneira, percebe-se como e que com que intensidade o tema consegue aproximar e despertar o interesse dos alunos. Em uma disciplina como História, que trabalha muito com os eventos que já ocorreram, as fontes tem um papel fundamental, sejam elas escritas, audiovisuais ou mesmo fontes orais, pois ajudam a transpor e diminuir a distância entre os alunos e o fato histórico e entre eles e o período trabalhado.

Acreditamos que muitas experiências como esta, e as próximas que virão, transformarão nossa maneira de atuar como professores e a forma como avaliamos o trabalho em sala de aula. Por isso, oportunidades de trabalhar e relatar aquilo que foi feito são importantíssimas, e fazem parte da formação do profissional que tem por objetivo o trabalho com a educação. Esse trabalho é uma construção feita ao longo de muito estudo e mostra sua importância ao transformar, de alguma maneira, a vida dos envolvidos.

REFERÊNCIAS

BUENO, E.; TAITELBAUM, P. **Vendendo Saúde**: História da Propaganda de Medicamentos no Brasil. Agência nacional de vigilância Sanitária, 2008.

BERTERO, C. O. **Drogas e Dependência no Brasil**. Estudo Empírico da teoria da dependência: O caso da Indústria farmacêutica. Rio de Janeiro: EASP/FGV, 1972.

CHALHOUB, S. **Artes e ofícios de curar no Brasil**: capítulos de história social. Campinas: Unicamp, 2003.

CHERNOVIZ, P. L. N. **Dicionário de Medicina Popular e das ciencias accessorias para uso das famílias**. 6. ed. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890. 2v.. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00756310#page/6/mode/1up>> Acesso em: 2 maio 2012

COELHO, E. F. **Boticas e farmácias**: uma história ilustrada da farmácia no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

FIGUEIREDO, B. G. **A arte de curar**: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002.

GOMES, M. L. Vendendo saúde! Revisitando os antigos almanaques de farmácia. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 1007-1018, out.-dez. 2006.

LEFÈVRE, F. **O medicamento como mercadoria Simbólica**. Cortez. São Paulo, 1991.

MEYER, M. (Org.). **Do Almanak aos Almanques**. Ateliê editorial. São Paulo, 2001.

PORTER, R. **Das tripas coração**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SCHWARTZMAN, S. **Estado Novo**, um auto-retrato (arquivo Gustavo Capanema). Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1982.

TEMPORÃO, J. G. **A Propaganda de Medicamentos e o mito da saúde**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

Recebido em 15/08/2011

Aprovado em 20/10/2011